

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER E DE SATANÁS EM JOSÉ COSTA LEITE

MÁRCIA FERREIRA DE CARVALHO

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

mardemarcia@yahoo.com.br

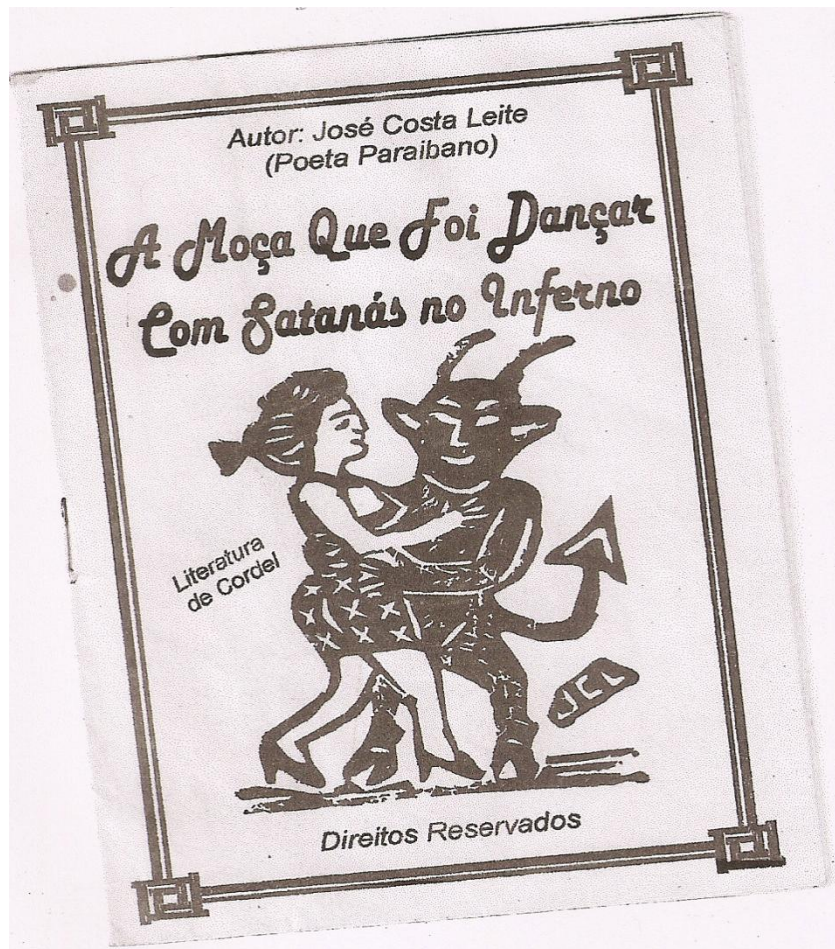
RESUMO. Este trabalho tem por objetivo analisar, com base na teoria semiótica pierceana, a xilogravura que ilustra o folheto popular impresso, inserido na tradicional Literatura de Cordel, denominado *A moça que foi dançar com satanás no inferno*, ambos de autoria do xilogravador e poeta popular José Costa Leite. Considerando essa uniautoria, tomamos para análise a xilogravura com seu potencial simbólico, fundamentado no contexto da narrativa poética do folheto, uma vez que envolve aspectos da sabedoria popular já consagrada publicamente.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica. Xilogravura. Mulher

ABSTRACT. The aim of this work is to analyze, based on Peircean's semiotic theory, the woodcut illustrating the popular booklet printed, inserted in traditional Cordel Literature, called: *The girl who was dancing with Satan in hell*, both by the woodcutter and popular poet José Costa Leite. Considering this unique authorship, take for analysis a woodcut with its symbolic potential, based on the context of poetic narrative brochure, since it involves aspects of popular wisdom already publicly consecrated. For this analysis, we used the following authors: Peirce, Nöth, Santaella and others.

KEYWORDS: Semiotics. Woodcut. Woman.

José Costa Leite, paraibano, nascido em Sapé, em 1927, é um marco dentro da cultura popular, tendo seu trabalho reconhecido no Brasil e no exterior. Na sua arte, representa o imaginário feminino, criando assim uma expressividade própria. Nota-se que sua obra é composta principalmente de mulheres fortes, valentes e guerreiras, porém desobedientes. Essas peripécias servem de tempero para aguçar a curiosidade sobre a mesma por parte dos leitores. Neste perfil, está incluída Janete, personagem do cordel *A moça que foi dançar com satanás no inferno*. Vejamos a xilogravura para análise:



A mulher e o cão¹ já são famosos na tradição da xilogravura e do cordel, principalmente, nessa relação em que a mulher, por ser desobediente e teimosa, debanda do espaço dos bons costumes familiares para atrair o mal demoníaco. Embora, na disputa entre a mulher e o cão, esta acabe por vencer a disputa com suas artimanhas capazes de enganar o diabo. Ainda que num primeiro momento ela seja superada, no entanto usa de artifícios linguísticos para dar a volta por cima e, num piscar de olhos, virar o jogo. E se por ventura as circunstâncias levarem-na a um plano divino, ao cabo de tudo sempre ela é protegida e salva pela mulher redentora das almas, Nossa Senhora.

Nessa ação, a narrativa é construída de modo que todos anteveem o perigo, a exceção de Janete que, apenas no final, quando o pior acontece, é que toma para si a lição de vida. Esse discurso ganha reforço ao se aproximar do preceito bíblico figurado por Adão e Eva. Em outras palavras, a mulher torna passiva do diabo e consequentemente do mal.

Nessa xilogravura em análise - exposta toda em preto e branco, medindo 7,5 de altura, e 6,0 de largura - não consta data ou lugar, embora seja possível identificar tais elementos a partir do aprofundamento da análise. A presença de cores representa o ponto de partida do discurso tradicional popular, onde o branco (Janete) representa o bem e o preto (satanás), o mal.

¹ O cão na linguagem regionalista é sinônimo de demônio, capeta, fute, coisa ruim, maçaroca, capiroto, diabo, satanás e outros.

Embora a combinação preto e branco tenha servido de base primária para a cultura gráfica ocidental durante um longo período, aqui, essa ilustração está traduzida por apenas duas cores (branco versus preto) que abrem passagem para as categorias sígnicas do bem e do mal, respectivamente, por já estarem sedimentadas na convenção popular.

O discurso dominante da cultura ocidental, ao longo de séculos, já sedimentou entre os povos colonizados a convenção ideológica de que a cor preta é signo do mal. O diabo, o inferno, a alma perdida, a fumaça são pretos e sem valores, tal qual o negro na sociedade tido como desalmado. Já a cor branca é signo do bem. A pomba da paz, os anjos, a santíssima trindade são brancos. Não é a toa que a Europa, em período de domínio industrial colonizador, promoveu o embranquecimento de seus produtos para atingir a aceitação pretendida no mercado. É o caso do açúcar, do arroz e outros. Tal concepção aplicada em dimensão humana sempre foi ideologicamente bem definida: branco equivalente a dominador e preto, a dominado. É dessa forma que concebemos o texto aqui em análise enquanto objeto de estudo para chegarmos a essa interpretação discursiva a qual oferece abrigo substancial para a dinâmica do próprio texto. Em outras palavras, os efeitos significativos transpõem as imagens e se materializam nas denominações arbitradas, permitindo que entre em cena a carga ideológica que circunda tal objeto.

Oportunamente, vale evidenciar aqui as cores enquanto signos pela função que desempenham em toda obra e contexto, respectivamente. É nessa dinâmica que Peirce ajuíza ser o signo o resultante de um sistema triádico, composto por três elementos que podem ser esclarecidos a partir do conceito de signo apresentado pelo próprio Peirce:

Um signo, ou representamen, é algo que, sob certo aspecto ou de algum modo, representa alguma coisa para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa um signo equivalente ou talvez um signo melhor desenvolvido. Ao signo, assim criado, denomino interpretante do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu objeto. Coloca-se no lugar desse objeto, não sob todos os aspectos, mas com referência a um tipo de idéia. (PEIRCE, 1975, p. 94)

Vale acrescentar que esse sistema de interpretação do signo acontece na mente do intérprete em três diferentes instâncias que Peirce chama de categorias que são definidas por Nört (2003, p. 63) amparadas nos conceitos de Peirce da seguinte forma:

Primeiridade é a categoria do sentimento imediato e presente das coisas, sem nenhuma relação com outros fenômenos do mundo. (...) “primeiridade é o modo de ser daquilo que é tal como é, positivamente e sem referência a outra coisa qualquer”(…) Secundidade começa quando um fenômeno primeiro é relacionado a um segundo fenômeno qualquer. É a categoria da comparação, da ação, do fato, da realidade e da experiência no tempo e no espaço (...) Terceiridade é a categoria que relaciona um fenômeno segundo a um terceiro. “É a categoria da mediação, do hábito, da memória,

da continuidade, da síntese, da comunicação, da representação, da semiose e dos signos.”

Ainda segundo Nört (2003, p.89), Peirce tentando combinar essas três categorias, desenvolveu uma tipologia que está baseada na classificação interna de cada parte do signo, criando assim novas tricotomias, na perspectiva do representamen, do objeto e do interpretante.

Das classificações derivadas das associações entre os signos e o objeto significado estudadas por Pierce, é importante, para este trabalho, priorizar três categorias de signo: o ícone, o índice e o símbolo:

Um **Ícone** é um signo que se refere ao Objeto que denota simplesmente por força de caracteres próprios e que ele possuiria, da mesma forma, existisse ou não existisse efetivamente um Objeto daquele tipo. (...) Um Indicador ou **Índice** é um signo que se refere ao Objeto que denota em razão de ver-se realmente afetado por aquele Objeto. Não pode, conseqüentemente, ser um Quali-signo, pois qualidades são o que são, independentemente de qualquer outra coisa. (...) Um **Símbolo** é um signo que se refere ao Objeto que denota por força de uma lei, geralmente uma associação de idéias gerais que opera no sentido de levar o Símbolo a ser interpretado como se referindo àquele Objeto. É assim, ele próprio, um tipo ou lei geral, ou seja, é um Legi-signo. (PEIRCE, 1975, p.p 101-102) [grifos nossos]

Tomando rumo nesses conceitos apresentados por Peirce, deparamo-nos na xilogravura com a representação icônica de satanáas que é símbolo do mal, principalmente no imaginário popular nordestino. Em satanáas, podemos destacar vários ícones a partir das características a ele atribuídas, como por exemplo, os chifres de bode - que é bastante conhecido pela população nordestina, principalmente, os chifres longos e curvados para trás, que é típico do bode pai-de-chiqueiro², ou seja, o reprodutor de rebanho de caprino - o rabo de seta e os pés de cabra. Diz-se da cabra que quando está endiabrada pisa no recipiente de leite e o derrama ou mistura com lama, causando ira ao leiteiro. Não é à toa que o instrumento com que o ladrão arromba porta é denominado pé-de-cabra, razões pelas quais dizem na literatura popular que o diabo tem pés de cabra. O bode pai de chiqueiro também tem um odor repugnante, o que o faz ser odiado pelas pessoas que tiram leite das cabras para obter a alimentação diária, até porque ele é atrevido, precipitado e valente. Não é surpresa se ele vier de supetão e bater a porta da cozinha, fazendo com que a dona de casa abra a porta pensando que vai encontrar o esposo bonito e cheiroso, e se depare com a horrível figura desse animal feio e fedorento. Essa figura é, imediatamente, repugnada por ela que fecha a porta novamente em tempo hábil de evitar aquela incômoda invasão. É por isso que o pai de chiqueiro é muitas vezes associado e confundido com o cão e, conseqüentemente, ganhou tal feição na literatura popular, mas especificamente na xilogravura e no cordel.

Na moça, predominam características tanto de ordem física quanto psicológica, que se opõem em si. Na parte física, nota-se que em toda a parte **anterior da moça está**

² Animal de aparência muito estranha, com barbicha, dentes grandes e olhos esbugalhados.

o pecado: sedução dos olhos; expressão sexy da boca, com palavras de carinho, beijos e apetite com que seus lábios carnudos executam o beijo; exibição de seios avantajados, através do decote do vestido; disposição de mãos que abraçam e acariciam o corpo do ser desejado, com movimentos repetidos; além do próprio órgão genital feminino, das pernas excitantes quase descobertas pelo curto vestido, firmadas sob um sapato alto com tal propósito. Já na parte **posterior, percebe-se a santidade:** o cabelo amarrado, feito um cocó; não tem decote na parte de trás do vestido. Este, em toda a sua parte posterior, tem estampa com vários xis que podem ser interpretadas como sendo cruzes, dependendo da posição de quem olha. Cruzes estas que são índice da salvação alcançada mais tarde por conta de está no lado oposto do cão. Já este estaria do lado oposto da cruz, justamente do lado em que Nossa Senhora (amante desse símbolo) viria para resgatá-la das unhas do atrevido satanás. Dessa forma, nota-se que a parte anterior da moça está voltada para o pecado por praticar a dança do rela-bucho e o ato sexual, inclusive é por esse lado que o satanás tem acesso para tentá-la à prática da libido. Já a parte oposta, onde o vestido exhibe, em série, o símbolo da fé cristã vislumbra-se o bem, inclusive é nas costas que o anjo da guarda mora, e, nessa mesma direção, existe a distância de Nossa Senhora, com seu manto azul, que a protege com suas bênçãos como se comprova na narrativa oral popular, ora representada por essa xilogravura.

Ocorre que o autor escolheu essa cena em preto e branco, representada na capa do folheto, num momento em que ocorre o desmascaramento do satanás. Isso se deu por conta da explosão máxima da ocasião, onde as expectativas desencadeiam medo, assombro, pânico. Essa é a forma mais relevante que o autor elege para marcar bem a memória dos leitores para não caírem na tentação do mal. Nesse contexto, e seguindo o discurso popular religioso católico, a cor preta remete ao mal assombro, ao luto e ao cão, que com suas indumentárias escolheu Janete para tentá-la, não apenas pelo seu orgulho e desobediência aos costumes familiares, mas pela predominância do vestido preto que ela usava. É como se o cão tivesse se identificado, em vício e em cor, com a moça atentada.

No aspecto psicológico da moça, há oposição no interior dessa personagem:

ELEMENTOS QUE CONSTITUEM O MAL	ELEMENTOS QUE CONSTITUEM O BEM
Ousadia	Ser moça, portadora da virgindade que carregava valores de respeito e moral para a família e a sociedade em que vivia
Orgulho	
Culto à beleza	Ter Fé, pois era devota de Nossa Senhora
Ser atirada	
Disposição para homens	
Desobediência	

A soma das virtudes virgindade e fé fez com que a personagem se atentasse, depois de tudo, para a obediência aos costumes tradicionais preponderantes, graças ter sido salva por Nossa Senhora, quando tudo parecia está perdido. Talvez a falta dos ditados populares tão em uso, quanto decisivos ao longo da vida, tenha provocado o

erro da moça quando não se voltou para as atitudes de qualidades das pessoas com quem se relacionava.

No mínimo, uma síntese dos sentidos possibilitasse melhor a escolha do ser amado e não apenas os olhos. Estes, se de um lado são conhecidos como a janela da alma e o espelho do mundo, segundo Leonardo da Vinci³, de outro, no entanto, alienam a percepção mental e poderão assim causar desequilíbrio e tragédia na vida das pessoas.

No caso de Janete, esta restringiu todo seu juízo de valor pela pessoa amada, através de um único método de sentido: os olhos. Foram com estes que a moça decidiu a escolha pelo ser amado, atentando-se unicamente para a beleza física que seus olhos puderam alcançar. Assim sendo, desprezou todos os rapazes sem considerar quaisquer atitudes e, até mesmo, a possibilidade de transformar essa visão a partir das virtudes das pessoas com quem se relacionasse. Quem sabe o ditado popular que afirma que *quem ama o feio, bonito lhe parece* não entraria em função na sua escolha. Com tamanho despreparo, Janete deixou-se enfeitiçar pela magia sedutora da beleza física, desatentando-se da convenção popular de que *quem muito abarca, pouco aperta*.

O fato nessa história é que do outro lado o satanás conhecia bem o ponto fraco da moça e armou uma grande e inesquecível cilada, digna de ser gravada por José Costa Leite na memória popular e na capa de um cordel exemplar.

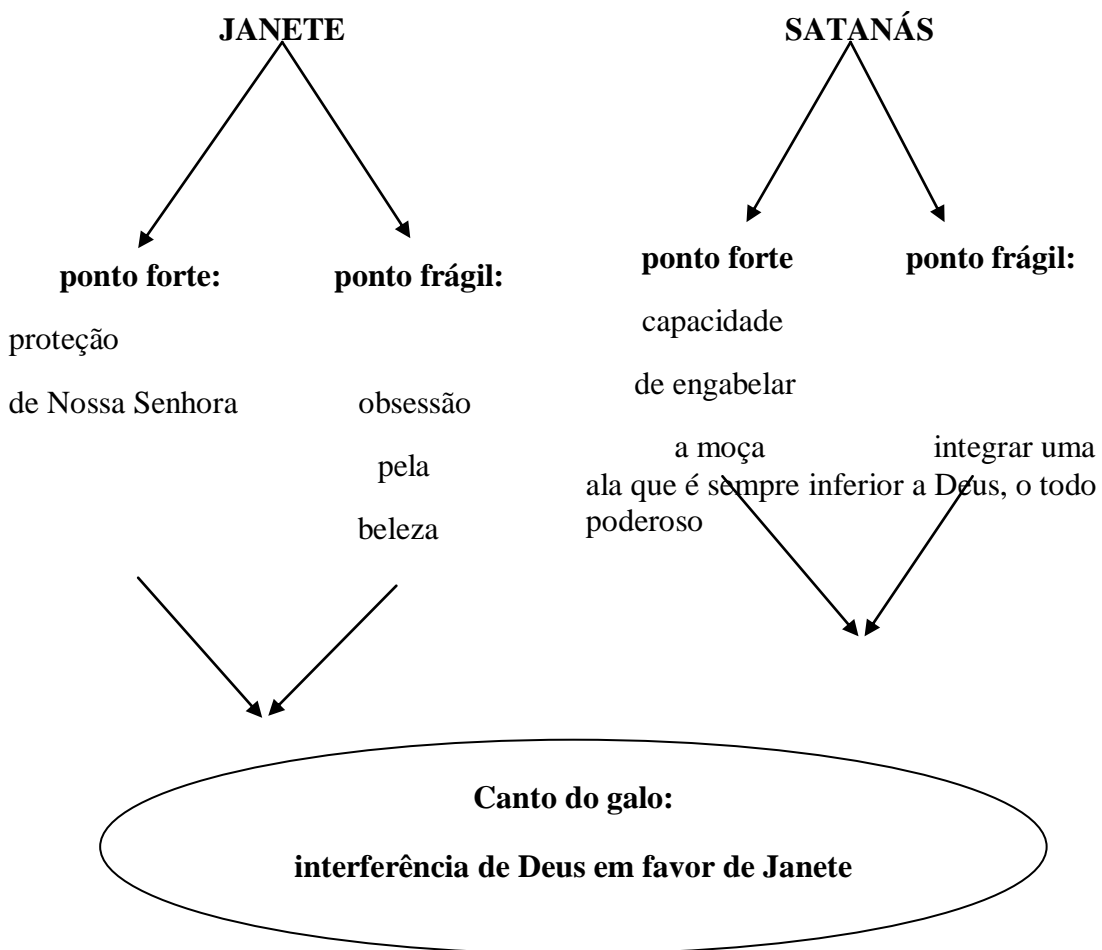
A dinâmica entre os traços, as cores, os contornos e as imagens, em seus propósitos, revelam que José Costa Leite não teve acesso a experiências que o permitisse se deixar traduzir de uma outra maneira. Com efeito, contextualizou-se num ambiente onde discriminar negros, homossexuais, pobres era um exercício banal. Nessa convenção, a maioria dos integrantes daquela sociedade recebia as mesmas instruções a fim de que fosse rotulado sob um ajuizamento absoluto, em que não havia outra escolha. A vida de cada um seguiria paradigmas que se afirmavam claros e diretos: seguir o caminho de Deus ou do diabo. Embora José Costa Leite dispusesse dos dotes natos de poeta, essa ideologia dominante imperava e norteava as suas próprias produções. No caso específico dessa xilogravura, a moça, como dito antes, representaria o bem, por ter pele branca, e satanás, o mal, por ser preto. Ainda mais, este é reforçado pela deformação e aspectos de animais peludos, assombrosos com chifres, cauda e pé de cabra.

Verifica-se que esse autor traz no texto uma inovação, justamente no que se refere à escolha da cena ora representada na xilogravura. Como se vê na imagem representada, a moça está suspensa do chão pelo diabo que a segura com os dois braços, prendendo-a como se fosse um cinto em posição cujo ventre se projeta para frente dando a entender que vai conduzindo-a para o seu objetivo, em direção ao inferno. Isto porque o satanás sabe que lhe resta pouco tempo para cumprir o seu intento. Caso conseguisse levá-la ao inferno antes que o galo cantasse, lá ela ficaria trancafiada e jamais venceria os portões do inferno como também não seria salva por nenhuma entidade divina, exatamente porque esta não entraria em um lugar tão horroroso sob o domínio do mal no inferno. Nessas circunstâncias, o diabo conseguiria levá-la, no entanto perderia tempo em consequência da forma sexual da moça que não cessava de beijá-lo repetidamente. Do outro lado, o satanás sabia muito bem que não poderia negar

³ Nascido na região da Florença, Itália (1452-1519), foi uma das figuras mais importante do Alto Renascimento, que se destacou como cientista, inventor, pintor, poeta e músico.

afeto, teria de fingir reciprocidade, uma vez que seria esta a única maneira de conduzir Janete ao destino pleiteado.

Dito isso, é justificada a escolha do autor por esta cena que é o momento mais relevante de toda a história ora representada. Em outras palavras, assim como na dança entre um casal ambos se equilibram entregues à melodia e ao ritmo de modo que seguem os passos de maneira idêntica. No caso específico dessa cena, ambos se equilibram também nos aspectos psicológicos, ocasionando mais uma oposição no interior de cada personagem em seus respectivos valores, ou seja:



Janete foi mais eficiente que Eva, não por competência própria, mas por contar com o auxílio de Nossa Senhora. Esta inocente foi levada pelo demônio, seduziu Adão e o venceu. Janete foi seduzida pelo diabo, mas acabou seduzindo-o e vencendo-o.

O autor quis mostrar que Janete era pervertida e incapaz de estabelecer juízo de valor, considerando que ela só gostava da beleza física e por isso teria caído na mão do

traidor. No entanto, Janete não era assim porque quisesse, mas por conta do próprio meio onde foi criada, sem adquirir uma educação que impusesse limites contra as desgraças. Educação essa que, segundo Paulo Freire (2006), focalizasse nos valores reais das pessoas, como por exemplo, o caráter e outros valores morais e sociais. O próprio Paulo Freire faz constar na sua biografia que a ausência e a carência de escola provam nas estatísticas a manutenção do analfabetismo que perdura até os dias atuais, principalmente, no interior do Nordeste. Tal consequência faz com que sejam adotadas práticas culturais, muitas vezes, desastrosas que são direcionadas para a ordem inversa àquelas favoráveis ao bom viver coletivo.

Atentemos aqui também para a questão refletida em Janete que é o culto a beleza física tão explorado pela mídia nos dias atuais. Nesse universo, a beleza física é o que tem valor, razão pela qual as pessoas, principalmente as mulheres, submetem-se a prostituição, a cirurgias de riscos e até dão lugar a doenças de provocações absurdas como a anorexia, além de depressão, stress e outras.

No caso de Janete, a atitude vincula-se a essas síndromes. O seu comportamento atirado de não medir limites para se entregar de tão maneira a um homem desconhecido, tendo como aval o simples fato de o mesmo ser bonito revela a desobediência à mãe, ao pai, aos padrinhos e a outros. Nessas circunstâncias, fica evidente também a influência das amigas que compõem uma geração nova também vitimada por essa ruptura familiar que em sua maioria está em moda atualmente. Essa ruptura tem lugar entre o sistema tradicional rural e a geração urbanizada, industrial e até globalizada que foi abarcada principalmente, pelas novas tecnologias televisuais.

Essa xilogravura contempla ainda os leitores que se consideram fisicamente feios, vitimados pelos caprichos da mídia. A partir dessa história, estes já podem se comportar firmados num discurso de contra partida.

Como não era propósito nosso no presente trabalho e nem seria possível esgotar as possibilidades de análise, vale dizer aqui que apesar das conclusões a que chegamos, muitas outras virão, considerando que essa investigação ainda está em processo com a intenção de depurar melhor as convicções advindas das análises e partilhá-las com quem anseia por uma literatura dinâmica e condizente, essencialmente popular.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 44 ed. São Paulo: Paz e terra, 2006

JAKOBSON, Roman. À procura da essência da linguagem. In: _____ **Linguística e comunicação**. 15 ed. São Paulo: Cultrix, 1995. p.98-117-P

LEITE, José Costa. **A moça que foi dançar com satanás no inferno**.

NÖRT, Winfried. A semiótica universal de Peirce. In: _____. **Panorama da Semiótica**: de Platão a Peirce. 3 ed. São Paulo: Annablume, 2003. p. 59-91

PEIRCE, Charles Sanders. Classificação dos signos. In: _____. **Semiótica e Filosofia** (trad. e org. de Octanny Silveira da Mota e Leonidas Hegenberg). São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo: 1975. p. 93-114

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. Imagem, pintura e fotografia à luz da semiótica peirciana. In: _____. **Imagem:** cognição, semiótica, mídia. 2. Ed. São Paulo: Iluminuras, 1999. p. 141-155